

## **AFROFUTURISMO EM *O CÉU ENTRE MUNDOS* (2021): UMA JORNADA DE EMPODERAMENTO E IMAGINAÇÃO**

AFROFUTURISM IN *O CÉU ENTRE MUNDOS* (2021): A JOURNEY OF EMPOWERMENT AND IMAGINATION

Janaína Claudino Prado<sup>1</sup>  
José Elias Pinheiro Neto<sup>2</sup>

### **RESUMO**

*O presente artigo tem a finalidade de estudar o livro de Sandra Menezes, O céu entre mundos (2021), como um elemento chave para discutir sobre as questões pertinentes ao Afrofuturismo. À luz de autores como Mark Dery (2020), Ytasha Womack (2013), Raissa Silva (2022), procurou-se compreender como os conceitos que envolvem o termo afrofuturismo permitem a busca por um caminho que empodera as comunidades negras. O romance de Sandra Menezes é repleto de elementos cruciais para entender esse movimento estético, como a valorização da ancestralidade e a afrocentricidade, que possibilitam ressignificar as identidades negras. Datado no ano de 2773, o enredo de O céu entre mundos (2021) desenrola-se em um cenário futurístico. Inicialmente ambientada no exoplaneta chamado Wangari, a história acompanha a protagonista Karima que se vê forçada a fugir de um sequestro. Para escapar, ela é subitamente transportada para a Terra, logo, desencadeia-se uma série de eventos que definirão o curso de sua jornada. Imaginar um amanhã em que a população negra seja protagonista de sua própria história é possível, e Sandra Menezes abre o caminho para que esse povo que sofreu uma tentativa histórica de apagamento consiga, sim, chegar ao espaço.*

**Palavras chaves:** Afrofuturismo. Ancestralidade. Literatura Negra.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura e Interculturalidade do programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7992025600370996>>. ORCID iD: <<https://orcid.org/0009-0003-6805-0450>>. E-mail: [jcp@aluno.ueg.br](mailto:jcp@aluno.ueg.br)

<sup>2</sup> Pós-doutor em Linguística, Letras e Artes pelo Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (PROLAM), Universidade de São Paulo (USP), 2022. Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), 2017. Professor da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Unidade Universitária de Itapuranga, credenciado no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Líder do Grupo de Pesquisa: Literatura em Interfaces: transdisciplinaridade e interculturalidade (LINTERFACES), cadastrado na base de dados do CNPq, formado em 2021. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5176979314704270>>. ORCID iD: <<https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>>. E-mail: [jose.pinheiro@ueg.br](mailto:jose.pinheiro@ueg.br)

## ABSTRACT

*This article aims to study Sandra Menezes' book, *O céu entre mundos* (2021), as a key element to discuss pertinent issues related to Afrofuturism. Drawing insights from authors like Mark Dery (2020), Ytasha Womack (2013), and Raissa Silva (2022), the research sought to understand how the concepts surrounding Afrofuturism contribute to empowering black communities. Sandra Menezes' novel is rich in crucial elements that shed light on this aesthetic movement, such as the appreciation of ancestry and Afrocentricity, allowing for a redefinition of black identities. Dated in the year 2773, the plot of *O céu entre mundos* (2021) unfolds in a futuristic setting. Initially set on the exoplanet named Wangari, the story follows the protagonist Karima, who finds herself compelled to flee from a kidnapping. In order to escape, she is abruptly transported to Earth, thus triggering a series of events that will shape the course of her journey. Imagining a future where the black population takes center stage in their own history is possible, and Sandra Menezes paves the way for this community, which has endured historical attempts at erasure, to indeed reach for the stars.*

**Keywords:** Afrofuturism. Ancestry. Black Literature.

### Considerações iniciais

O Afrofuturismo é um movimento cultural e artístico que combina elementos da cultura africana, diáspora africana e ficção científica para imaginar futuros alternativos e empoderar as comunidades negras. Essa corrente artística tem ganhado destaque nos últimos anos, e um exemplo notável de sua presença pode ser encontrado no romance *O céu entre mundos* (2021). Neste artigo, explora-se como o Afrofuturismo se manifesta nesse livro, destacando sua importância para a representação e o empoderamento da comunidade negra.

A reflexão sobre o Afrofuturismo, traz à tona uma releitura histórica de como a identidade negra foi criada a partir de uma perspectiva colonizadora. A fuga desses estereótipos, perpetuados pela colonização, é justamente a característica fundamental do movimento, cuja a finalidade é construir a identidade de um povo negro autônomo e não dominado. Entretanto, engana-se quem pensa que a finalidade das narrativas afrofuturistas seria a de recriar um novo sistema de colonização, uma vez que o seu intuito é idealizar uma sociedade mais igualitária (MARQUES; FREITAS, 2021; SILVA, 2022).

Nesse sentido, o enredo de *O céu entre mundos* (2021) além de falar sobre o futuro, a história acontece no ano de 2773 em um planeta intitulado Wangari, narra os feitos históricos do povo negro, para além da escravidão, na medida em que reconta essas histórias por intermédio da ancestralidade. No livro há o resgate da memória de figuras históricas que tiveram um papel importante na história do povo negro, porém foram apagadas pela colonização. Além de falar sobre esses personagens apagados, o propósito desse artigo é evidenciar a importância de *O céu entre mundos* (2021) como romance afrofuturista brasileiro.

### Contextualizando *O Céu Entre Mundos* (2021)

*O céu entre mundos* (2021) é um romance que mescla elementos de ficção científica, fantasia e tradições africanas. A narrativa de ficção especulativa, com a finalidade de imaginar qual futuro é possível para os jovens negros baseado em tecnologias científicas, artísticas e espirituais, conta a história de uma jovem negra chamada Karima. O enredo acontece no ano de 2.273 em um planeta intitulado Wangari, que foi descoberto por cientistas africanos.

O foco narrativo acontece em primeira pessoa. A narradora-protagonista, Karima, engenheira ambiental, é filha do ministro Malique e da memorialista Zaila que são pessoas influentes em Wangari. A protagonista integra a quinta geração nascida nesse exoplaneta que se localiza em um sistema estelar vizinho da Via Láctea. A descoberta desse planeta, aconteceu após “[...] diversos países com experiências espaciais tentarem colonizar outros planetas além de Marte [...]”, no entanto, o grupo de cientistas africanos foi bem-sucedido. Esse grupo era composto por “[...] astronautas da África do Sul, Nigéria, Angola e Quênia” (MENEZES, 2021, p. 16). Além disso, havia nessa missão “[...] cientistas, matemáticos, antropólogos, geólogos, biólogos e pesquisadores, preparados para o trabalho de fundação de uma nova sociedade” (MENEZES, 2021, p. 16). Esses estudiosos

*[...] foram os primeiros habitantes do planeta de coloração verde, com apenas um satélite natural, que tem condições geológicas semelhantes às da Terra. A grande estrela, centro do sistema que abriga Wangari, é o Sol Vermelho, e contamos com atmosfera em condições apropriadas ao desenvolvimento humano.* (MENEZES, 2021, p. 16)

Além de Karima, seus pais tiveram um filho chamado Rasul que faleceu aos oito anos de idade atingido por um raio, na época em que a protagonista tinha seis anos. A figura do irmão falecido é muito importante para Karima, visto que o seu interesse em “[...] pesquisar as plantas e a energia que as envolve [...] [a] ajudava a manter viva a lembrança [do] irmão mais velho[...].” (MENEZES, 2021, p. 28). É por meio dessa memória afetiva que Karima descreve o planeta em que vive:

*Wangari é um planeta repleto de florestas, bosques e cobertura de gramíneas sobre montanhas e vales. As folhagens são de um verde escuro, e as flores brotam separadas por espécies, com cores que não se misturam, em canteiros naturais onde são encontradas apenas as azuis, ou apenas as vermelhas, e assim, vão se revezando em grandes áreas, sob uma bruma esverdeada que permeia o espaço aberto do planeta.* (MENEZES, 2021, p. 28)

Além da vegetação de Wangari, Karima conta que o planeta tem um único satélite denominado Maat. A figura desse satélite assemelhava-se “[...] à de uma mulher com uma pena na cabeça, e por isso, lhe fora dado o nome da deusa Maat, que na mitologia egípcia domina a justiça e o equilíbrio” (MENEZES, 2021, p. 29). A escolha dessa figura mitológica também se relaciona ao tipo de sistema político que os fundadores desejavam para Wangari, uma vez que “[...] criaram um regime de harmonia e igualdade de direitos para todos” (MENEZES, 2021, p. 17).

Isso é reforçado no encontro mensal que acontece no exoplaneta com o intuito de fomentar o diálogo ao máximo entre a descendência “[...] dos fundadores das diversas regiões da África” (MENEZES, 2021, p. 117). Esse encontro é realizado em um grande ginásio, pois o objetivo é que cada grupo étnico disponha de um ambiente

próprio. Além disso, o espaço também é suficiente para que todos unam-se “[...] *para ouvir dos membros da União os conceitos básicos fundamentais que servem a todos, e que alicerçam a vida em Wangari*” (MENEZES, 2021, p. 117). Durante a confraternização, o membro mais velho do Conselho Popular da Nação, de 85 anos, com o propósito de lembrar os princípios da fundação, diz:

*Continuemos fiéis aos princípios da preservação da igualdade de gênero e de direitos, liberdade de pensamento e de conexão espiritual, estímulo à criação e desenvolvimento de dons em todas às áreas. [...] [N]enhuma tolerância a atitudes que desrespeitem os marcos civilizatórios e a natureza, ou seja, a meta é o máximo de harmonia na convivência entre os seres. [...] [Apesar do inglês e o português serem as línguas faladas] reconheçamos nelas a expressão dominante dos colonizadores sobre nossos povos, e que os descendentes conheçam e convivam com as línguas originais africanas, já que elas são parte importante de nossa herança cultural. Desde o início, é do entendimento de todos em Wangari a grande responsabilidade do ato de se contar história e lendas dos antigos e, ensinar as línguas nativas, para que não se perca essa riqueza e sigamos norteados pelo projeto milenar de resgate de nossa identidade.* (MENEZES, 2021, p. 118-119)

Entretanto, esses princípios não são compartilhados por todos em Wangari. A história escrita por Sandra Menezes, começa com a protagonista fugindo de um cativeiro e logo é revelado que Karima foi sequestrada por Saburi, conselheiro, membro importante do Conselho Popular da Nação, descendente direto dos fundadores do exoplaneta. Para fugir do cárcere privado, Karima é teleguiada até uma nave da Foça de Segurança Espacial Interplanetária (FSEI)<sup>3</sup>, que havia sido acionada por seu pai, Malique, logo após o sequestro. O objetivo era tirar Karima de Wangari até conseguirem prender o sequestrador. Por isso, a filha de Malique, em uma missão secreta, foi enviada para a Terra.

Para teleguiar Karima, os membros da FSEI tiveram, com a autorização do ministro Malique, acesso ao código telepático dela. Logo no início, a narradora-protagonista havia comunicado que naturais do exoplaneta, desde a primeira geração, de imediato diferenciavam-se dos terráqueos por intermédio “[da] *telepatia, [d]a rapidez com que aprendem a ler e escrever, [d]a facilidade para inventarem novos instrumentos musicais [...]e [d]a cura de doenças usando a concentração de energia nas próprias mãos [que] são habilidades que se manifestam naturalmente no nosso dia a dia*” (MENEZES, 2021, p. 16-17).

Retomando as questões sobre os princípios de Saburi, sequestrador de Karima, a protagonista revela que não se sentia confortável mediante o conselheiro, pois, assustava-se com a maneira “[...] *agressiva com que ele expressa suas vontades, em alguns momentos até depreciando pessoas do nosso convívio*” (MENEZES, 2021, p. 23). Saburi tem por volta dos sessenta anos de idade, outrora fora ministro de Wangari, porém, foi “[...] *destituído, pois seus planos de exploração das riquezas naturais, como a extração de minério do solo, uso de substâncias tóxicas para lapidação de pedras preciosas, corte indiscriminado de madeira, e outras formas de acumular riquezas não foram aceitas*” (MENEZES, 2021, p. 23). Nesse sentido, as propostas de Saburi recebiam votos negativos porque embasavam-se em métodos que foram experimentados

---

<sup>3</sup> “[...] o trabalho da FSEI incluía a fiscalização sobre quem estava autorizado ou não a atravessar a fronteira interplanetária entre a Terra e Wangari [...]” (MENEZES, 2021, p. 41)

na Terra em tempos anteriores e resultaram em consequências adversas ao planeta. Por conta da relevância de seus antepassados, foi assegurado a Saburi

*[...] um lugar cativo no Conselho Popular da Nação. A União Soberana de Wangari, da qual meu pai é um dos ministros, é a instituição que responde pela administração da nossa grande cidade, mas o Conselho Popular da Nação é seu fiscalizador. O ministro Malique, meu pai, vem sendo reeleito já há três mandatos. A votação entre ministros e conselheiros é secreta, e seu nome vem recebendo maioria expressiva de aprovação, acredito que pelo cuidado com que ele toma decisões públicas, priorizando o bem-estar do povo e a preservação ambiental do planeta. (MENEZES, 2021, p. 24)*

Neurocientista e especialista em Física Quântica, Saburi “[...] é fortemente afetado por um ressentimento, um desejo de vingança, que nunca conseguiu superar” (MENEZES, 2021, p. 24). Na África, a vida de seus ancestrais fora sofrida, muitos deles faleceram por conta de guerras civis que aconteciam no Quênia. De geração em geração, seus antepassados enfrentaram apertos financeiros, “[...] até que um dos familiares conseguisse entrar num programa espacial como engenheiro, abrindo caminho e deixando um legado de carreiras bem-sucedidas na área científica” (MENEZES, 2021, p. 24). O que abriu o caminho para que Saburi estudasse e se transformasse em um cientista conceituado.

Entretanto, o antagonista estava “[...] entrando num terreno perigoso, sem controle de si mesmo, enfrentando os outros membros do conselho e querendo impor à força uma política com perfil ditatorial para Wangari” (MENEZES, 2021, p. 24). Determinado em dominar o porvir, Saburi visitou um vidente chamado Gerard que revelou que “[...] a filha do ministro Malique tinha grande potencial para alcançar notoriedade como estadista. Na mente conturbada de Saburi, a revelação soou como uma ameaça aos seus ambiciosos planos de poder” (MENEZES, 2021, p. 25).

A viagem de Wangari até a Terra dura quatro meses. O oficial Julião, de ascendência maia, era um dos tripulantes encarregados de transportar Karima até o planeta, contou para a protagonista que antes a viagem até a Terra não aconteceria em menos de um ano. No entanto, com o avanço da “[...] ciência da computação e adaptações da mecânica, da robótica, e da física, [a]gora é possível percorrer essa distância de mais de cinco bilhões de quilômetros em quatro meses” (MENEZES, 2021, p. 53-54).

As consequências do avanço do aquecimento global na Terra foram devastadoras, o planeta deixou de ser azul para aparentar “[...] uma coloração acinzentada, com apenas algumas áreas em que era possível notar, quando as nuvens se abriam, tons de marrom e de verde, o azul dos mares e poucos pedaços de branco cintilante nos polos” (MENEZES, 2021, p. 78). Por causa do desmatamento e modificações na biosfera, surgiram superbactérias e vírus adormecidos que infectaram o gado bovino, o que provocou a morte de milhares de pessoas por intermédio do consumo de carne. Consequentemente, houve “[...] a exclusão da carne de vaca como alimento, assim como do leite e de seus derivados” (MENEZES, 2021, p. 67). Além disso, “[f]oram quase dois séculos e meio de degradação provocada pelo aquecimento global. Os oceanos chegaram a níveis muito altos do que os cálculos previstos por ambientalistas, mudando a topografia dos continentes e reduzindo os espaços de terra firme” (MENEZES, 2021, p. 78). Há dois séculos,

*[...] a escassez de água na Terra chegou a um percentual crítico, e isso prejudicou drasticamente a produção de alimentos. As florestas estavam devastadas, e a falta de chuvas fez com que ricos e pobres se enfrentassem nas cidades, disputando um copo de água potável.* (MENEZES, 2021, p. 39)

Muitas pessoas que vivem na Terra não acreditam em sua recuperação e “*por isso querem entrar em Wangari a qualquer custo mesmo sem o credenciamento necessário*” (MENEZES, 2021, p. 39). No entanto, Erasto, um geólogo que também faz parte de FSEI e faz parte da missão de transportar Karima, acredita que “*[...] logo poderemos dar boas notícias a todos, pois se tudo der certo, em tempo médio teremos indicativos de recuperação do solo e de parte da vegetação*” (MENEZES, 2021, p. 39). Depois ele volta a assegurar a Karima de que

*[s]e continuarmos nesse ritmo, com as diversas comunidades de harmonia ambiental, funcionando em territórios estratégicos, com controle responsável das atividades, sem queima de carbono, sem ataques à camada de ozônio, com reflorestamentos e mantendo a fertilização do solo para retorno da agricultura, em breve, a população que está em Marte, aos poucos, talvez possa ir retornando* (MENEZES, 2021, p. 79).

O projeto de evacuação do planeta aconteceu, “*[...] quando todos os recursos naturais já estavam se esgotando e milhões de pessoas morriam por causa do calor e da falta de água [...]*” (MENEZES, 2021, p. 79). O frio extremo também matava as pessoas, visto que em algumas áreas do globo terrestre a temperatura chegou a menos de cinquenta graus. Os grupos populacionais que habitam em Marte, que são oriundos de diferentes países, vivem em “*[...] grandes cúpulas, com temperatura e oxigênio controlados, e uma tecnologia complexa para a manutenção dos sistemas de alimentação de saúde*” (MENEZES, 2021, p. 79). Karima confessa que “*[...] estaria muito aflita se estivesse sendo levada para Marte, em vez de para Terra porque já havíamos recebido informações sobre o que acontece lá, e sobre os riscos e tentativas frustradas de adaptação dos seres humanos em planeta hostil*” (MENEZES, 2021, p. 79). Mas ainda assim, a protagonista estava preocupada, pois pensava na hipótese de seu organismo não se adaptar na Terra. “*Afinal, eu era uma estranha vinda de outro sistema estelar*” (MENEZES, 2021, p. 80).

## **Reflexões sobre o Afrofuturismo**

O Afrofuturismo desempenha um papel central em *O céu entre mundos* (2021), permeando a narrativa desde sua concepção até os temas abordados. A autora, Sandra Menezes, utiliza elementos da cultura africana para construir um mundo futurista e especulativo. Através dessa abordagem, o livro desafia as narrativas dominantes que negligenciam ou subrepresentam a contribuição e a perspectiva das comunidades negras.

O termo afrofuturismo foi oficialmente criado por Mark Dery em 1994. Motivado pelo questionamento: “*por que tão poucos afro-americanos escrevem ficção científica?*”, o autor entrevistou três escritores negros, Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose, para discutir sobre o assunto. Mark Dery, chama de afrofuturismo, a ficção especulativa que aborda sobre a negritude e as questões do povo negro, especificamente afro-americano, “*[...] no contexto da tecnocultura do século vinte - e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria de imagens da*

*tecnologia e de um futuro prosteticamente aperfeiçoado” (DERY, 2020, p. 16). Para o autor,*

*[a] noção de Afrofuturismo gera uma antinomia problemática: pode uma comunidade que teve seu passado tão deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas na busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis? Além disso, a irreal propriedade do futuro já não está nas mãos dos tecnocratas, futurólogos, designers e cenógrafos - brancos para homens - que criaram nossas fantasias coletivas? (DERY, 2020, p. 16-17)*

A escritora Ytasha Womack acredita que era afrofuturista antes do termo ser criado. Uma vez que ao assistir os filmes de ficção científica, como a saga *Star Wars*, a autora questionava a falta de personagens negros. Para ela, qualquer pessoa, amante de ficção científica,

*[...] que já se perguntou por que os negros são minimizados nas representações do futuro da cultura pop, visivelmente ausentes da história da ciência ou marginalizados na lista de inventores anteriores e, em seguida, realmente decididos a fazer algo a respeito, também poderiam se qualificar como afrofuturistas. (WOMACK, 2013, p. 6-7, tradução nossa)*

Segundo a escritora, “*Afrofuturismo é uma intersecção de imaginação, tecnologia, futuro e libertação*” (WOMACK, 2013, p. 9, tradução nossa). Ytasha Womack acredita que os afrofuturistas têm o papel de redefinir culturalmente as perspectivas sobre a comunidade negra. O movimento, seja em qualquer produto cultural como a “literatura, artes visuais, música ou organização popular”,

*[...] combina elementos de ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, afrocentricidade e realismo mágico com crenças não ocidentais. Em alguns casos, é uma revisão total do passado e especulação sobre o futuro repleto de críticas culturais. (WOMACK, 2013, p. 9, tradução nossa)*

Nessa perspectiva, Raissa Lauana Antunes da Silva alega que o Afrofuturismo é um movimento que contraria o silenciamento e as tentativas de apagamento que a colonização impôs às pessoas negras. Os estereótipos criados, relativos aos corpos negros, dessa maneira, são ultrapassados, na medida em que são questionados para que ocorra “[...] *uma mudança nos limites de nosso pertencimento e de nossa imaginação*” (SILVA, 2022, p.13). É por meio dessa imaginação que a autora acredita ser possível modificar o futuro do povo negro, visto que ao propiciar que se criam novos amanhã para as pessoas pretas, o movimento permite que novas possibilidades surjam (SILVA, 2022). Nesse sentido, Ytasha Womack defende que

*[e]m sua essência, o Afrofuturismo expande a imaginação muito além das convenções de nosso tempo e dos horizontes de expectativa, e chuta a caixa da normalidade e ideias preconcebidas de negritude para fora do sistema solar. Quer se trate de histórias de ficção científica ou excentricidade radical, o Afrofuturismo inverte a realidade. (WOMACK, 2013, p. 16, tradução nossa)*

Para Raissa Silva, a inventividade é a “[...] *nossa maior arma de evolução enquanto seres humanos*” (SILVA, 2022, p. 26). Nesta lógica, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie defende que “*nenhuma empreitada humana requer tanta liberdade quanto a criatividade. Para criar, é necessário que a mente possa vagar a esmo, ir a nenhum lugar, a qualquer lugar, a todo lugar. É desse ondular que surge a arte*” (QUATRO CINCO UM, 2023). É essa liberdade de criar que “[...] *nos permite quebrar parâmetros, pois será pela capacidade imaginativa que o ser humano projetará sua própria realidade, suas esperanças e seus temores*” (SILVA, 2022, p. 27). Portanto, se é por intermédio do imaginar junto a curiosidade que há o crescimento do homem, “[r]etirar a possibilidade de imaginar significa retirar do ser humano sua possibilidade de expansão. (SILVA, 2022, p. 27).

É refletindo sobre essa capacidade imaginativa que Silvia Barros abriu o prefácio de *O céu entre mundos* (2021) questionando: “*Que mundos são possíveis para nós, pessoas negras? Quais tecnologias – científicas, artísticas, espirituais – permitirão que continuemos vivos e vivas? São perguntas assim que movem a escrita futurista elaborado por e para pessoas negras*” (BARROS, 2021, p. 13). Para responder a esses e a outros questionamentos, os afrofuturistas buscam no passado, assim como fez Sandra Menezes, “[...] *desenterrar a história perdida de pessoas de ascendência africana e seus papéis na ciência, tecnologia e ficção científica*” (WOMACK, 2013, p. 17, tradução nossa).

Esses momentos de reflexão acerca do passado tem a finalidade de restituir o protagonismo ao povo negro “[...] *que lhe é retirado pelos reflexos do colonialismo na sociedade*” (MARQUES; FREITAS, 2021, p. 166). O Afrofuturismo, nesse sentido, modifica a lógica vigente, na medida em que coloca os silenciados para recontar a história de seus antepassados. Ao olhar-se para as perspectivas que construíram o mundo, nota-se que a diversidade é inexistente, uma vez que “[h]omens brancos, heterossexuais, cisgênero e formados por uma cultura inteiramente ocidentalizada serão aqueles que estarão propondo o futuro, questionando o presente e determinando o que é a ficção científica e o que é ciência” (SILVA, 2022, p. 32).

Ainda sobre a ficção científica, Greg Tate, em entrevista a Mark Dery, diz que é o seu modo praticamente didático de instruir “[...] *sobre o potencial para a catástrofe em uma sociedade quando seus membros não prestam atenção aos caminhos que, seja a tecnologia, seja uma forma de vida bizarra, podem tomar*” que a caracteriza (DERY, 2020, p. 50). Por essa perspectiva, a ficção científica “[...] *fica em paralelo com a mitologia tradicional, que é cheia de contos de precaução*” (DERY, 2020, p. 50). Ademais, Greg Tate acredita que esse gênero se relaciona ao que era feito no Antigo Egito, pois seria “[...] *como a continuação de uma veia de pesquisa filosófica e especulação tecnológica que começa com os egípcios e suas reflexões incrivelmente detalhadas sobre a vida após a morte*” (DERY, 2020, p. 52). Dessa maneira,

[a ficção científica] representa um tipo de codificação racionalista, positivista, científica daquele impulso, mas ainda vem de um desejo humano básico de saber o insabível, e para muitos escritores negros, este desejo de saber o insabível se dirige para o autoconhecimento. Saber-se uma pessoa negra - histórica, espiritual e culturalmente – não é algo que é dado para você, institucionalmente; é uma jornada árdua que deve ser realizada pelo indivíduo. (DERY, 2020, p. 52-53)

Essa jornada do indivíduo negro em busca do autoconhecimento está ligada ao conceito de afrocentricidade, na medida que o termo contesta teoricamente a dominação eurocêntrica sobre o fazer artístico, científico e histórico do mundo. O intuito da afrocentricidade é “[...] *demonstrar a ideia de culturas ao lado umas das outras, ao invés da ideia de culturas sendo adotadas por uma ideia particular abrangente*” (ASANTE, 2016, p. 3). Por essa razão,

*[...] o que localizamos no afrofuturismo e no movimento preto como um todo, o qual clama por medidas para que o racismo seja extinto, é a construção de um ideal político, uma tomada de consciência quanto às opressões experienciadas por pessoas pretas. Para retirar os sujeitos pretos da margem, a afrocentricidade cria uma análise das relações humanas existentes, evidenciando como novas experiências podem ser vividas por sujeitos pretos para que esses, não apenas percebam o regime de opressão que vivenciaram/vivenciam, como também a projeção de novas possibilidades para seus futuros.* (SILVA, 2022, p. 62)

Portanto, o Afrofuturismo é uma força motriz aliada no processo de reconstrução das identidades que sistematicamente sofreram tentativas de apagamento. A sobrevivência da cultura negra é referente, nas palavras de Greg Tate, a sua capacidade “[...] *de operar de uma maneira iconoclasta em relação ao passado; as armadilhas da tradição nunca tiveram permissão de ficar no caminho da inovação e da improvisação*” (DERY, 2020, p. 53-54). Desse modo, a valorização da ancestralidade, permite que aconteça uma “[...] *reverência a um paraíso perdido*”. (DERY, 2020, p. 54). Tricia Rose sintetizou bem esse ideal ao dizer a Mark Dery: “*Se você vai se imaginar no futuro, você tem que imaginar de onde você veio; culto aos ancestrais na cultura negra é uma maneira de responder ao apagamento histórico*” (DERY, 2022, p. 59).

### **Empoderamento e reimaginação da identidade negra**

Uma das principais contribuições do Afrofuturismo em *O céu entre mundos* (2021) é a reimaginação da identidade negra. Karima, após ser levada para a Terra para sua proteção, descobre seu poder e potencial baseado nas forças de seus ancestrais. Através dessa jornada no planeta mãe, a personagem encontra força em suas raízes culturais e constrói uma narrativa alternativa que celebra sua herança e ancestralidade.

Para reconstruir a visão acerca da identidade negra, a ancestralidade é um ponto-chave da narrativa de Sandra Menezes. Karima, por exemplo, revela que seus “[...] *antepassados mais distantes nasceram na Nigéria, o país de maior população do continente africano*” (MENEZES, 2021, p. 41). Os pais de Karima sempre tiveram um papel fundamental para que ela conhecesse passado de seus antecessores. Eles contaram a protagonista que

*[...] foi na África que tiveram início as civilizações. Sempre que posso, acesso arquivos antigos e venho descobrindo fatos e pessoas muito interessantes daquele lugar. Procurei por detalhes sobre Nelson Mandela, Martin Luther King, Bispo Desmond Tutu e outros que fizeram coisas tão incríveis que seus nomes estão na história da Terra.* (MENEZES, 2021, p. 41-42)

Pessoas ilustres que tiveram um papel social muito importante também são citadas ao longo do enredo de *O céu entre mundos* (2021). Como é o caso de Denis Mukwege, congolês, que “[...] *se dedicou à sobrevivência e recuperação de mulheres*

vítimas de violência sexual durante as guerras na República Democrática do Congo” (MENEZES, 2021, p. 42). A mãe de Karima, Zaila, é uma admiradora do médico. Os pais de Karima, o têm “[...] como referência, por ele ter priorizado o seu conhecimento médico, em meio ao horror da guerra para uma causa tão essencial” (MENEZES, 2021, p. 42).

O próprio Saburi, que havia sequestrado Karima, continuava a ter voz ativa entre os dirigentes de Wangari por conta da importância de seus antecessores. O povo queniano teve um desempenho crucial na instauração de Wangari. Um dos saberes que contribuíram para a fundação do exoplaneta foi o do “[...] uso eficiente do oxigênio pelo corpo humano [...]” (MENEZES, 2021, p. 49). Esse conhecimento permitiu “[...] a adaptação do sistema respiratório dos primeiros habitantes de Wangari” (MENEZES, 2021, p. 49).

Além do maior projeto de preservação da natureza do exoplaneta ser de origem queniana, Karima narra que “[o] próprio nome do meu planeta é uma homenagem à ambientalista, Wangari Maathai<sup>4</sup>, que viveu entre os anos 1940 e 2011, uma mulher fantástica que ficou conhecida no mundo pela sua luta para a conservação das florestas e do meio ambiente” (MENEZES, 2021, p. 50).

Outras personalidades são citadas no livro, por seu papel importante na história da humanidade, como Mae Carol Jemison, primeira astronauta negra, Zumbi dos Palmares e Zacimba, princesa da Nação Cambinda em Angola. Em especial, a história de Zacimba é contada por uma djele<sup>5</sup>, chamada Chloe, em uma roda da oralidade que Karima participou quando já estava na Terra. Zacimba foi trazida como escrava para o Brasil, após ser “[...] capturada quando liderava seus guerreiros durante uma invasão à região costeira angolana por tropas portuguesas” (MENEZES, 2021, p. 139). Quando o dono da terra que a comprou, descobriu que Zacimba era da realeza, “[...] a violentou e torturou de várias maneiras para humilhá-la diante de seus compatriotas, e para deixar claro que se algum deles tentasse se rebelar ele mataria sua soberana” (MENEZES, 2021, p.139).

Para libertar-se de seu algoz, Zacimba, com a ajuda dos outros escravizados, colocou veneno de jararaca diariamente no alimento do fazendeiro português, pois sabia que a eficácia do veneno daquela cobra, acontecia se colocada aos poucos. Quando o dono da terra faleceu, a princesa “[...] formou um grupo que atacava os navios negreiros que aportavam no cais de São Mateus, num lugar chamado Espírito Santo. Ela libertava os africanos aprisionados e os levava para o seu quilombo, que existiu por uma década” (MENEZES, 2021, p. 140). Zacimba morreu em combate, mas sua história é de resistência. A princesa faz parte do grupo de heróis que “[...] não podemos deixar que sejam esquecidos. Nosso povo carrega em si um imenso orgulho do que fomos, desde sempre, do que continuamos fazendo agora, e do que vamos fazer lá na frente, no futuro ainda mais longe” (MENEZES, 2021, p. 140).

Ao final desse momento, de troca de conhecimentos com a anciã, Karima comenta com o mestre Bonami “[...] sobre a dificuldade de encontrar dados que

---

<sup>4</sup> O episódio 10 de Mulheres Fantásticas, realizado pelo programa Fantástico, contou, por meio de uma animação, um pedaço da história da ambientalista que teve a iniciativa de trabalhar a sustentabilidade em um projeto que plantou mais de 40 milhões de árvores no Quênia. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pu5uSL5w7WA>>. Acesso em 4 jul. de 2023.

<sup>5</sup> “[...] nome dado a uma categoria de mestres da oralidade, e que as pessoas que tinham esse dom eram também conhecidas como *griots*, para homens, ou *griotes*, para mulheres” (MENEZES, 2021, p. 125, grifo da autora).

revelassem o que aconteceu no Brasil após a abolição do regime de escravidão” (MENEZES, 2021, p. 142). Logo, é explicado à Karima que os registros desse passado sombrio “[...] foi se perdendo, principalmente por interesses de governantes em fazer com que aqueles papéis deixassem de existir” (MENEZES, 2021, p. 142). É evidente que “[...] foram tantas as tentativas de apagamento que o nosso povo sofre, que parece um milagre que estejamos aqui” (MENEZES, 2021, p. 143). Fica explícito na fala de Erasto que o povo negro resistiu, apesar dessas tentativas dos colonizadores em apagar não só a história, mas a própria população negra, por meio das teorias de eugenia.

*É realmente incrível a força que herdamos de nossos antepassados, Karima. Desde os mais distantes, até os mais recentes, eles vivenciaram um verdadeiro apocalipse aqui no planeta Terra. E assim mesmo o povo negro continuou resistindo. Nós é que merecíamos ser indenizados, mas isso nunca aconteceu, apesar da solicitação oficializada por muitos países africanos e por populações negras das diásporas. [...]. Passaram séculos, e o que vemos é que o movimento [eugênico] fracassou, pois nós estamos espalhados pelo mundo, em grande número. Isto se chama resistência. (MENEZES, 2021, p. 143)*

Infelizmente esses acontecimentos revelados a Karima por Bonami não são fictícios, Samuel R. Delany, ao ser entrevistado por Mark Dery, relembra que ao dizer-se que os Estados Unidos, assim como o Brasil e tantos outros, foi um “[...] país foi fundado pela escravidão, precisamos lembrar que o que queremos dizer, especificamente, é que ele foi fundado a partir da destruição sistemática, consciente e massiva dos resquícios culturais africanos” (DERY, 2020, p. 26). Para o escritor, é admirável “[q]ue alguns ritmos musicais tenham resistido, que certas posturas e estruturas religiosas pareçam ter persistido [...] [aos] esforços em eliminá-los feitos pela máquina de importação de escravos dos brancos. (DERY, 2020, p. 26)

Sandra Menezes parece responder aos questionamentos de Mark Dery. O escritor diz que o conceito de afrofuturismo carregaria uma contradição: como seria possível “[...] uma comunidade que teve seu passado tão deliberadamente apagado, e cujas energias foram subsequentemente consumidas na busca por traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?” (DERY, 2020, p. 16-17). Por outro lado, nas páginas de Sandra Menezes, a resposta vem de um encontro que Karima teve, por meio de um ritual religioso, com um de seus ancestrais, Chiok. Além de falar sobre os feitos da Nigéria, destacar a importância da Cultura Nok, Chiok diz que

*Fomos capazes de superar até mesmo as tentativas de apagamento de nossos feitos, pois os brancos queriam que não restasse sequer uma memória positiva de nossa existência. O que foi pactuado entre os europeus e outros povos, que até hoje tentam dominar o mundo com a ideia de uma superioridade branca, era que só haveria um lugar para nós na história, o de perdedores, vindos de uma raça inferior, pobre em cultura, sem alma, com uma religião diabólica e incapazes de contribuir para a evolução da espécie humana. Mas estamos aqui. (MENEZES, 2021, p. 111-112).*

Durante a passagem de encontro com o seu ancestral, Chiok reforça para Karima a importância de valorizar aquilo que é herdado de dos ancestrais, na medida em que a vitória do povo negro é marcada por muita convicção e luta. É fundamental o reconhecimento de que os “[...] antepassados nos deram vida e os bens espirituais que carregamos [...]. Às vezes, sofremos as consequências dos erros deles, mas temos que

*identificar que erros foram esses, para que não se repitam*” (MENEZES, 2021, p. 113). Identificar os erros é importante para que as injustiças sejam corrigidas, pois “[f]oram muitas as maneiras instituídas pelos governantes europeus e americanos, que usaram, inclusive, de mecanismos legais para impedir que a nossa cultura, nossa língua, nossos hábitos e religiões subsistissem em outras terras” (MENEZES, 2021, p. 126).

Por fim, Karima entende que apesar de não viver “[...] esse estado de opressão, de exploração e de aniquilação que o povo branco exerceu com violência sobre negros [...]” (MENEZES, 2021, p. 126), o que mantém essa memória viva em Wangari é a tradição oral, além do acesso ao acervo histórico com os registros dos “[...] atos criminosos, das torturas, dos estupros e dos assassinatos [...]” (MENEZES, 2021, p. 126). Além disso, os feitos dos antepassados são culturalmente vivenciados por meio de rodas de conversas. Antes de ser sequestrada, por exemplo, Karima juntamente a seu melhor amigo Akin iriam “[...] participar de uma roda de troca de informações sobre a Terra [...]”, nesse encontro conversariam sobre o Egito especificamente.

A figura da djele Chloe é fundamental para ilustrar a importância da valorização da ancestralidade passada pelos anciões. A própria anciã reconhece que sua fala era de resistência pois, “[...] ainda hoje nós temos que viver resistindo a muitas coisas estranhas neste mundo” (MENEZES, 2021, p. 137). Para Chloe era importante que os jovens, além de conhecer e ouvir sobre o processo de escravização do povo negro e o esforço desse povo para sobreviver, se lembrassem “[...] dos nomes e dos feitos heroicos de pessoas negras que resistiram à escravidão, o grande desastre, que durou mais de trezentos anos, e que seguiu nos empurrando para beira do abismo” (MENEZES, 2021, p. 137).

Samuel R. Delany, em entrevista a Mark Dery diz que “[a] razão histórica pela qual nós ficamos tão pobres em termos de imagens do futuro é porque, até pouco tempo, nós fomos sistematicamente proibidos como povo de manter qualquer imagem do nosso passado” (DERY, 2020, p. 26). O Afrofuturismo então, ao buscar no passado ressignificar as identidades do povo negro, transforma sistematicamente o presente, por imaginar um futuro em que essas histórias sejam valorizadas.

## Conclusão

O *céu entre mundos* (2021) exemplifica o poder do Afrofuturismo como transformador do presente na medida que busca na ancestralidade as narrativas para construir uma nova perspectiva para a identidade do povo negro. A imaginação tem um papel essencial nessa jornada, uma vez que como dito por Chimamanda (2023), é a liberdade para criar que permite o surgimento da arte. Ao dizer que a capacidade de inventar é a maior arma Raissa Silva (2022), não só corrobora com Chimamanda (2023), como sintetiza esse papel social que escrita afrofuturista cumpre ao construir caminhos possíveis para um povo silenciado.

A base do Afrofuturismo será, portanto, o resgate do passado negro, para além da escravidão. Com o intuito de quebrar os estereótipos criados para o povo negro em que os descendentes de escravizados viam-se no papel de subalternos. A proposta do movimento é, por intermédio do resgate da ancestralidade, colocar o negro histórica e culturalmente em um papel de protagonista. É nesse sentido que Raissa Silva diz que “[o] afrofuturismo propõe uma visão dolorosa daquilo que já se foi, constrói um monumento que diz o que foi e o que é ser preto a partir dessas experiências” (SILVA, 2022, p. 61- 62)

É a partir dessa afrocentricidade que Sandra Menezes constrói sua narrativa. Em *O céu entre mundos* (2021) há a evidência de que é possível que haja outras possibilidades a serem vivenciadas por pessoas negras, além de contribuir para que fique explícito o sistema opressor em que estão inseridos. Entretanto, essas transformações só serão efetivas, se o as pessoas pretas forem protagonistas do processo de “[...]desenvolvimento da afrocentricidade e, conseqüentemente, do afrofuturismo, caso contrário nos manteremos em local de marginalidade que foge à teoria afrocêntrica e ao movimento estético afrofuturista” (SILVA, 2022, p. 62). Dessa maneira, é evidente que, como romance afrofuturista, o livro de Sandra Menezes é importante para concretizar a afrocentricidade ao demonstrar que existe, sim, um futuro possível e promissor para as pessoas pretas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sobre liberdade de expressão: a escritora nigeriana fala sobre os riscos que a censura representa à literatura. Tradução Julia Romeu. *Quatro Cinco Um*: a revista dos livros, mar 2023. Disponível em <<https://www.quatrocinco.com.br/br/artigos/politica/sobre-liberdade-de-expressao>>. Acesso em: 04 jun. 2023.

ASANTE, Molefi Keti. Afrocentricidade como crítica ao paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. Tradução: Renato Noguera, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. *Ensaio filosóficos*, vol. XVI, [s.l.], 2016.

DERY, Mark. de volta para o afruturo: entrevistas com Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. Tradução Tomaz Amorim. Afrofuturismo. *Revista Ponto Virgulina #1*, p. 14-65, 2020.

MARQUES, Eduardo Marks de; FREITAS, Anderson Luis Brum de. ‘Do Afrofuturismo ao distópico: o caráter político-religioso de A Parábola do Semeador, de Octavia Butler. *Revista de Estudos de Cultura*, São Cristóvão (SE), v. 2, n. 17, jul./dez. 2021, p. 163-178.

MENEZES, Sandra. *O céu entre mundos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

SILVA, Raissa Lauana Antunes da. *Distorções e reescritas: o afrofuturismo e a ficção científica distópica em a Parábola do Semeador, de Octavia Butler*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Biblioteca Depositária: PUCRS, 2022.

WOMACK, Ytasha. *Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture*. Lawrence. Hill Books: Chicago, 2013.